

Moeda de prata

Era uma vez uma moeda. Ela acabara de sair da cunhagem — limpinha, brilhante — rolou e tilintou:

— Viva! Agora vou passear pelo mundo branco!

E foi.

Uma criança a apertava com força em seu punhozinho quentinho, um avarento a espremia com dedos frios e pegajosos, pessoas mais velhas a viravam e reviravam muitas vezes, enquanto entre os jovens ela não demorava e logo rolava adiante.

A moeda era de prata, havia muito pouco cobre nela, e assim ela passou um ano inteiro passeando pelo mundo branco, isto é, naquele país onde fora cunhada. Depois partiu para o exterior e tornou-se a última moeda nativa na bolsa de viagem de um viajante. Mas ele nem suspeitava de sua existência, até que ela mesma caiu em seus dedos.

— Ora vejam! Ainda me resta uma nossa moeda nativa! — disse ele.

— Bem, que viaje comigo!

E a moeda saltou de alegria e tilintou quando a colocaram de volta na bolsa. Ali teve de ficar deitada junto de suas parentes estrangeiras, que se sucediam constantemente — uma dava lugar à outra, enquanto ela permanecia sempre na bolsa. Isso já era uma espécie de distinção!

Passaram-se muitas semanas. A moeda chegou muito, muito longe de sua pátria, sem saber para onde. Ouvia apenas das vizinhas que eram francesas ou italianas, que estavam agora nesta ou naquela cidade, mas ela própria não fazia ideia de nada: não se vê muita coisa sentada dentro de uma bolsa, como ela! Mas certo dia a moeda notou que a bolsa não estava fechada. Teve vontade de espiar o mundo, mesmo que só com um olhinho, e deslizou por uma frestinha. Não deveria ter feito isso, mas era curiosa, e isso não lhe saiu grátis. Caiu no bolso de umas calças. À noite, tiraram a bolsa do bolso, mas a moeda ficou deitada, exatamente como estava. As calças foram levadas ao corredor para serem limpas, e então a moeda caiu do bolso no chão. Ninguém ouviu, ninguém viu.

De manhã, a roupa foi novamente levada ao quarto, o viajante vestiu-se e partiu, enquanto a moeda ficou para trás. Logo a encontraram no chão, e ela teve novamente de entrar em circulação juntamente com outras três moedas.

"Que bom! Voltarei a passear pelo mundo, verei novas pessoas, novos costumes!"
— pensou a moeda.

— E que moeda é esta? — ouviu-se no mesmo instante. — Esta não é nossa moeda. É falsa! Não serve!

Foi assim que começou a história que ela própria contou depois.

—"Falsa! Não serve!" Tremi toda! — contava ela.

— Eu sabia que era de prata, de som puro e de cunhagem legítima. Devem ter-se enganado, pensei, as pessoas não podem falar assim de mim. No entanto, falavam exatamente de mim! Foi a mim que chamaram de falsa, foi a mim que disseram que não servia para nada! "Bom, vou livrar-me dela ao anoitecer!" — disse meu dono, e realmente livrou-se de mim. Mas à luz do dia voltaram a insultar-me: "Falsa!", "Não serve!", "É preciso livrar-nos dela o mais depressa possível!"

E a moeda tremia de medo e vergonha cada vez que a empurravam para alguém no lugar de uma moeda daquele país.

— Ah, pobre de mim! De que me vale minha prata, meu valor, minha cunhagem, se tudo isso nada significa! Aos olhos das pessoas permaneces aquilo por quem te tomam! Como deve ser terrível, de facto, ter uma consciência impura, avançar na vida por caminhos sujos, se a mim, que não tenho culpa alguma, pesa tanto apenas porque pareço culpada!... Cada vez que passo para novas mãos, estremeço ante o olhar que sobre mim cairá: sei que imediatamente me atirarão de volta à mesa, como se eu fosse alguma embusteira!

Certa vez caí nas mãos de uma mulher pobre: recebera-me como pagamento por um duro trabalho diário. De modo algum conseguia livrar-se de mim, ninguém me queria aceitar. Para a pobre coitada, eu era uma verdadeira calamidade.

"Realmente, terei de enganar alguém contra minha vontade! — disse a mulher. — Onde irei eu, com minha pobreza, guardar uma moeda falsa! Vou dá-la ao padeiro rico; ele não ficará arruinado por causa disso, embora seja mau, eu mesma sei, é mau!"

"Agora ficarei pensando na consciência daquela pobre mulher!" — suspirei eu. — "Será que realmente mudei tanto com a idade?"

A mulher foi ao padeiro rico, mas ele entendia demasiado bem de moedas, e não me foi permitido ficar muito tempo onde me tinham colocado: atirou-me ao rosto da pobre mulher. Não lhe deram pão por minha causa, e foi tão amargo, tão amargo saber que fora cunhada para desgraça dos outros! Eu, que outrora fora tão

corajosa, tão confiante em mim mesma, em minha cunhagem, em meu bom som! E caí tanto de ânimo quanto pode cair uma moeda que ninguém quer aceitar. Mas a mulher trouxe-me de volta para casa, olhou para mim com bondade e carinho e disse:

"Não quero enganar ninguém! Farei um buraco em ti, para que todos saibam que és falsa... Embora... Espera, veio-me uma ideia — talvez sejas uma moeda da sorte? Decerto que sim! Farei um burquinho em ti, passarei um cordão e pendurar-te-ei no pescoço da filhinha da vizinha — que a use para a sorte!"

E fez um burquinho em mim. Não é especialmente agradável quando nos furam, mas por uma boa intenção muito se pode suportar. Pelo burquinho passaram um cordão, e tornei-me semelhante a uma medalha. Penduraram-me no pescoço da criancinha, e ela sorria para mim, beijava-me, e eu passei toda a noite sobre o peito quentinho e inocente da criança.

De manhã, a mãe da menina tomou-me nas mãos, olhou para mim e pareceu refletir... Imediatamente adivinhei! Depois pegou numa tesoura e cortou o cordão.

"Moeda da sorte! — disse ela. — Vamos ver!" E colocou-me num ácido, de modo que fiquei toda verde; depois lixou o buraco, limpou-me um pouco e, ao anoitecer, foi ao vendedor de bilhetes de lotaria comprar um bilhete para a sorte.

Ah, como foi pesado para mim! Era como se me espremessem num torno, como se me partissem ao meio! Pois eu sabia que me chamariam de falsa, que me envergonhariam diante de todas as outras moedas, que jazem orgulhosas de suas inscrições e cunhagens. Mas não! Evitei a vergonha! Havia tanta gente na loja, o vendedor estava tão ocupado, que, sem olhar, atirou-me para o caixa, junto das outras moedas. Se o bilhete comprado por minha causa ganhou ou não, não sei; sei apenas que no dia seguinte me reconheceram como falsa, separaram-me e novamente me enviaram para enganar — sempre enganar! Pois isso é simplesmente insuportável para uma natureza honesta — e essa, pelo menos, não me tirarão! Assim passei de mão em mão, de casa em casa, durante mais de um ano, e em toda parte me injuriavam, em toda parte se zangavam comigo. Ninguém acreditava em mim, e eu própria deixei de acreditar em mim e nas pessoas. Foi um tempo difícil para mim!

Mas certo dia apareceu um viajante; naturalmente, empurraram-lhe imediatamente a mim, e ele foi tão ingênuo que me aceitou como moeda local. Mas quando, por sua vez, quis pagar comigo, ouvi novamente o grito: "Falsa! Não serve!"

"Deram-ma como verdadeira! — disse o viajante, e examinou-me mais atentamente. De repente, surgiu um sorriso em seu rosto. Ora, já há muito que ninguém sorria ao olhar para mim. — Não, que é isto! — disse ele. — Esta é nossa moeda nativa, uma moeda boa e honesta de minha pátria, e fizeram-lhe um buraco e chamam-lhe falsa! Que engraçado! É preciso guardar-te e levar-te comigo para casa."

Como fiquei contente! Voltavam a chamar-me de moeda boa e honesta, queriam levar-me para casa, onde todos e cada um me reconheceriam, saberiam que sou de prata, de cunhagem legítima! Teria cintilado de alegria em faíscas, mas isso não está na minha natureza; faíscas emite o aço, não a prata.

Enrolaram-me num papel branco fino, para não me misturar com outras moedas e não me perder. Só me tiravam em ocasiões solenes, em encontros com compatriotas, e então falavam de mim extraordinariamente bem. Todos diziam que eu era muito interessante. É engraçado que se possa ser interessante sem dizer uma palavra.

E assim cheguei a casa. Terminaram meus sofrimentos, começou uma vida feliz. Pois eu era de prata, de cunhagem legítima, e não me prejudicava em nada o facto de ter um buraco, como uma moeda falsa: que mal há, se na realidade não és falsa! Sim, é preciso ter paciência: passa o tempo, e tudo se coloca no seu devido lugar. Nisso acredito firmemente! — concluiu a moeda o seu relato.